OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 870

28 DE FEVEREIRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Afim de reconstituir sua saude um bocadinho abalada, a Rainha, sr.ª D. Amelia, partiu quinta feira em viagem aos portos do Mediterraneo.

Acompanham-a o Principe Real, Sr. D. Luiz, e o sr. Infante D. Manuel.

O itinerario é o seguinte: Cadix, Gibraltar, Oran, Argel, Tunis, Malta e Alexandria. Aqui desembarcará S. Magestade, indo em comboio até o Cairo e d'ahi até Port-Said, onde o yacht deverá esperal-a depois de haver ido a Suez metter carvão.

De Port-Said seguirá para Jaffa onde a Rainha desembarcará para ir visitar Jerusalem.

FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI
Presidente da Direcção da Associação da Imprensa Portugueza

DOMINGOS LUIZ COELHO DA SILVA
Presidente da Direcção da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa

ABEL ACACIO BOTELHO
Presidente da Assemblêa Geral da Associação da Imprensa Portugueza

JOSÉ PINHEIRO DE MELLO
Presidente da Assemblêa Geral da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa

Voltando a Jaffa, fará sua viagem de regresso, tocando nos seguintes portos: Creta, Messina, Palermo, Napoles, Spezzia, Genova e Toulon.

Aqui despedir-se-ha de seus filhos, que a bordo do yacht regressarão a Lisboa, seguindo S. Magestade com os srs. Condes de Figueiró para Paris, onde tenciona demorar-se uns quinze dias, regressando por terra a Lisboa.

A sr.ª D. Amelia viajará sob o nome de Marqueza de Villa Viçosa.

Será durante a sua viagem pelo Mediterraneo acompanhada pelos srs. Condes de Figueiró, Visconde de Asseca, aio dos principes, Kerausch, preceptor, D. Antonio de Lencastre, medico da real camara, capellão Fiadeiro e pintor Casanova.

S. Magestade visitará em Paris alguns estabelecimentos clinicos e hospitaes destinados ao tratamento da tuberculose. Pediu que d'aqui para os portos em que deve ir tocando lhe mandem todas as informações sobre as obras de caridade, pelas quaes tamanho interesse sempre tem demonstrado e tanto lhe devem de seu incremento.

Acompanham a Rainha de Portugal os corações de quantos d'ella teem recebido alguma vez um beneficio, de quantos pelos beneficios por outra espalhados lhe conhecem o coração.

A' causa dos tuberculosos tem votado o melhor do seu tempo e de sua influencia, e a maior parte da sua bolsa. Não os esquece um instante, não se contenta com o muito que já lhes tem feito. Constantemente a vemos tratando de melhorar a sua obra, cuidando sempre dos mais infelizes.

Ainda na ante-vespera da sua partida de Lisboa ella provou quanto seu coração se condoía de toda a miseria, indo, mal teve a noticia da desgraçada morte d'um seu criado, visitar a viuva e prometter-lhe seu amparo.

Deu-se o caso na terça feira gorda e o contraste d'esse crime com o scenario que o rodeou ainda o tornou mais tragico.

Por ora, ao certo, se não sabe o motivo que levou um homem de cincoenta annos, que, segundo parece, gosava de boa fama, a assassinar com dois tiros de revolver um cocheiro da casa real, pae da mulher que elle havia deshonrado.

JOAQUIM MEIRA DE SOUZA
1.º Secretario da Direcção da Associação da Imprensa Portugueza

O crime deu-se em plena folia carnavalesca e teve até por comparsas alguns mascarados que perseguiram o assassino.

O momento em que foi perpetrado tornou o crime mais pungente; misturaram-se gritos de horrorosa dor aos uivos do carnaval, ao som desafinado das trombetas, ás chalaças dos chéchés.

Essas tantas coisas, crimes e luctas, parecem mais absurdos ainda, quando por todos os lados rebenta uma alegria, postiça muita vez, mas, por isso mesmo ainda mais bulhenta, ainda mais de afugentar o pensamento de desgraças.

O entrudo passou-se e já podemos formar um juizo sobre a vantagem das ordens policiaes a que todo o povo se submetteu com rarissimos repontadores.

Bem andaram os que mostraram empenho em livrar o carnaval d'este anno d'aquella má fama com que foi para a estrumeira o de 1902. Não teve o d'este anno maior graça, que a graça não é coisa que se encommende a quem não a tiver, mas foi muito mais animado e ninguem o viu acabar tendo contra elle razões de queixa.

O tempo favoreceu-o ainda mais que as posturas municipaes, e as senhoras, sem medo á chuva nem ás brutalidades, puderam sahir de casa, andar por essas ruas, ir á noite ao theatro pacatamente.

As ruas encheram-se de gente, que mal podia circular em certos pontos do Chiado, Rocio, rua do Principe e Avenida.

Alguns mascarados appareceram que mereceram menção, em carruagens, cavalgadas, danças e batalhões. O premio promettido ateou as fantasias. Para o anno melhor será, se o bom senso continuar a presidir a estas festas e se a Camara Municipal de Lisboa tomar a iniciativa de as promover, segundo os conselhos sensatissimos que, n'um dos passados numeros, lhe insinuava o nosso collega *O Dia*.

O carnaval não foi este anno o que devia ser, mas dizia o que pode ser de futuro. O passo foi bem dado e mereceu a approvação de toda a gente. E' continuar no mesmo caminho e fazer com que as festas sejam mais interessantes, chamando a Lisboa a concorrencia, senão de estrangeiros, pelo menos de provincianos.

Mais animadas do que os dias correram as noites havendo bailes em muitas sociedades e casas particulares.

Foram lindas as festas offerecidas ás crianças pelos srs. Duques de Palmella e Marquezes de Castello Melhor em seus palacios. Foi tamanha a alegria que os pequeninos tiveram, que decerto se lhes não apagará na memoria a recordação do baile no palacio da Rosa, a que foram mascarados, nem da representação theatral e jantar para que foram convidados no palacio do Rato.

Esses, sim, divertiram-se devéras, que no meio da maior festa nada têem que os amargure e não ha em rostosinhos de sete annos ainda logar para sorrisos fingidos.

Os theatros tambem andaram com sorte, tendo todos elles enchentes completas.

As senhoras não tiveram duvida em entrar nas platéas, onde nos outros annos, receariam ser incommodadas.

A Ceia dos Cardeaes representada no theatro D. Amelia por Lucinda Simões, Rosa Damasceno e Adelina Abranches, teve um exito enorme.

Perguntem aos emprezarios theatraes se estão de acôrdo com o entrudo civilisado e oiçam o que elles lhes respondem.

Andaram com sorte.

Pois quando elle assim se mostrava amavel com elles em questão de dinheiro, cahia um dos mais conhecidos, ferido pela morte para não mais se levantar.

Pobre Gouveia! Andava, havia muito, a morte á espreita d'elle, dando-lhe repetidos avisos em que elle não queria acreditar.

Fulminou-o uma apoplexia, quando, ás cinco horas da tarde de terça feira, da janella de sua casa, estava vendo passar as mascaradas pela rua de S. Roque. Havia pouco que chegára do escriptorio no theatro da Trindade, onde estivera trabalhando. Renovaram-se os ataques e Domingos Gouveia falleceu ás dez horas da noite da quarta feira rodeado de muitos amigos e escripturados seus.

Desde muito novo occupou-se de negocios theatraes, até que em 1894 se fez socio da empreza da Trindade. Em 1900 e 1902 explorou o theatro com José Ricardo e era actualmente socio de Affonso Taveira.

E' sua perda muito sentida por quantos o conheceram.

Os cartazes que anunciavam o espectaculo para quinta feira appareceram com um contra annuncio tarjado de negro.

O theatro da Trindade continuará funccionando sob a gerencia de Taveira, cujas aptidões são notaveis e que tanto o theatro levantou com sua habilissima direcção.

Breve n'elle veremos, segundo parece, um novo original de Arthur de Azevedo em colloboração com Eduardo Garrido.

Para hoje dois espetaculos de atrahir a attenção. Em D. Maria, reapparição de Virginia na peça *Ao telephone*; em D. Amelia, beneficio de Eduardo Brazão na peça *O Paço de Veiros*, novo original de Julio Dantas.

Theatros! Divertimentos!

E mais um caso tragico, o da morte da filha do Conde de Castello de Paiva, veio horrorisar a cidade, quando ella ainda mal descançava de seus folguedos carnavalescos! Embarcára n'esse dia a Rainha, corrêra o boato da recomposição ministerial que veio a dar-se, quão longe de tragedias andavam os pensamentos e socegados os corações do pae, de toda a familia da desgraçada victima d'uma brutalidade do acaso!

Deus dê descanço á sua alma e consolação aos que choram.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CARNAVAL EM LISBOA

Não podia deixar de ser o assumpto principal d'este numero as festas do carnaval em Lisboa, que iniciaram uma reforma nos costumes brutaes que ha seculos se permittiam deixar á solta n'esta epoca, dando de nós uma terrivel idêa ao mundo civilisado.

A todos admirou como essa transformação foi bem acceita, e, como dentro das suas forças as diversas classes cooperaram para que d'esse entrudo sujo e pelintra, que ainda ha pouco arrastava tres dias d'uma pezada semsaboria entre nós se fizesse um folião delicado e artistico, que póde vir ainda a competir com os carnavaes de Nice e Veneza.

Foi a Associação da Imprensa Portugueza que tomou sobre os hombros o pezado encargo de fazer este movimento de reforma e de civilisação de que, honra lhe seja, se sahiu dignamente.

Não faltou a principio quem criticasse da empreza, quem sorrisse ironicamente prevendo um mau resultado ao commettimento grandioso, mas criticos e ironicos tiveram de render-se á evidencia dos factos. O povo de Lisboa deu um bello exemplo do seu amor pela civilisação, aproveitando o incentivo que lhe offereceram, e quanto a nós o carnaval de 1903 foi já um bello passo dado, deixando a todos uma sorridente esperança no futuro.

Um jornal lembrava ha dias que a questão principal para as festas carnavalescas se tornarem brilhantes seria entregar á camara municipal a sua direcção superior, embora a coadjuvem como é indispensavel, todas as corporações e entidades que podem contribuir valiosamente para o bom exito d'essas festas.

Em Nice e Veneza as municipalidades não só assumem a sua direcção como concorrem com importantes premios para os divertimentos do carnaval.

Coadjuvando a Associação de Imprensa só vimos corresponder ao seu appello a Associação Commercial de Lisboa, a Associação de Lojistas e a Companhia dos Tabacos.

Outros muitos podiam coadjuval-a e não quizeram.

Afastou-os o espirito de desconfiança, que é outra pècha dos nossos maus habitos, temendo um desastre ridiculo á empreza:

Os que não fazem nada e não deixam que os outros tenham ideias e façam alguma cousa.

Pois não se poderiam ter dado muitos mais premios artisticos e pecuniarios se as companhias ricas que para ahi temos, a dos *Electricos*, por exemplo, que tirou uma receita importante n'esses dias, a dos Caminhos de Ferro, que podia tirar tambem uma receita fabulosa se as festas chamassem as povoações das nossas provincias e se emfim outras companhias altamente cotadas adherissem ao convite da Associação de Imprensa?

E o commercio o que poderia fazer em seu proprio proveito?

A decoração dos seus estabelecimentos n'esses dias não attrahiria a attenção publica, não seria um bello reclamo, e que pezada contribuição seria essa, elle que paga tantas, se constituidos os lojistas em commissões por arruamentos, contribuissem tambem com a sua quota, parte para o engrandecimento d'estas festas, que sobre todas as vantagens teria a de chamar forasteiros a Lisboa?

Esperamos que muito se fará ainda. O assumpto começa agora a ser estudado e não parará, já agora, no bello inicio da Associação da Imprensa Portugueza.

* * *

O programma dos festejos foi o seguinte:

1.º dia, domingo, chegada á estação dos caminhos de ferro do Caes do Sodré, do Carnaval de 1903.

— Batalha de flôres e *confetti* na Avenida.

2.º dia — segunda feira, *certamen* de mascaradas e danças populares.

3.º dia — terça feira, *certamen* de mascaradas, cavalgadas e carros allegoricos.

O jury para a distribuição dos premios era composto dos srs. Raphael Bordallo Pinheiro, Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro, dr. Alfredo da Cunha Celso Herminio, J. Collaço e Francisco Simões Margiochi, presidente da direcção da Associação de Imprensa.

Os premios foram conferidos:

1.º Dia

1.º premio. — Um bello estojo para toilette, com 16 peças de prata artisticamente cinzeladas, estylo Luiz XV (da Associação da Imprensa Portugueza). — *Para a carruagem melhor ornamentada.* A' carruagem da familia Sotto Mayor;

2.º premio. — Um grande tinteiro de prata com timbre, estylo inglez (da Associação da Imprensa portugueza). — *Para o automovel melhor ornamentado.* Ao automovel do sr. Luiz Madureira;

3.º premio — Uma taça de prata cinzelada (da Associação Commercial de Lisboa). — *Para a bicycleta melhor ornamentada* A bicycleta do sr. Augusto de Freitas;

4.º premio. — Um estojo com os seguintes objectos em prata cinzelada: charuteira, cigarreira, caixa para tabaco, phosphoreira, duas boquilhas de ambar e ouro, uma para charuto e outra para cigarro e dois descanços para charutos e outro para cigarros (da Associação da Imprensa Portugueza.) — *A quem apresentar o mais bem ajaezado do cavallo.* Ao sr. Raul Lino, cavalleiro marroquino.

2.º Dia

1.º premio. — Cem mil réis (da Companhia dos Tabacos). — *Para a melhor mascarada.* Ao batalhão d'Ajuda;

2.º premio. — Quatro libras em ouro (da Associação da Imprensa). — *Para a melhor mascara.* Ao sr. Carlos Machado, traje indiano.

Baile infantil no theatro de D. Maria II

1.º premio. — Uma grande boneca articulada. — *Para a menina mais elegantemente mascarada.* A' menina Maria Simões, vestida de *Tósca*;

2.º premio — Um magnifico brinquedo. — *Para o menino mais elegantemente mascarado.* Ao menino Julio Henrique Celestino Soares, em traje de couraceiro.

3.º Dia

1.º premio. — Uma salva de prata, artisticamente cinzelada, estylo antigo (da Associação da Imprensa). — *Para a melhor mascarada.* Ao sr. Jorge Collaço e 4 amigos, representando a prisão do pretendente de Marrocos;

2.º premio. — Um estojo com um grande espelho de prata cinzelada, estylo Luiz XV (da Associação da Imprensa). — *Para a melhor cavalgada.* A' cavalgada do sr. João Glagliardi;

3.º Premio. — Les Rameaux e Le Trefle, duas bellas estatuetas artisticas, em bronze, assignadas por Antoni (da Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa). — *para o melhor carro allegorico ao commercio.* Ao carro do commercio que era réclamo ás bengalas da ourivesaria da rua da Prata, do sr. Antonio Costa;

4.º premio. — Um bello album com ornamentação arte nova sobre um descanço artistico no mesmo estylo (da Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa). — *Para o melhor carro allusivo á industria.* Ao carro da industria do sr. Anastacio Fernandes.

Além d'estes premios a Associação da Imprensa ainda fez conferir mais os seguintes premios pecuniarios:

55$000 réis, ao batalhão do Campo de Ourique;

10$000 réis, ao sr. Teixeira, do Algarve, fatos feitos de caracoes;

10$000 reis, ao automovel fingido, da casa Santos, pintor da rua Ivens;

10$000 réis á tripleta da liteira, dos srs. José Quartin, Ernesto Zenoglio e Manoel Rodrigues.

* * *

Foram muitos os carros, os automoveis e as bycicletas que se apresentaram enfeitados durante os tres dias, e especialmente n'aquelle em que se realisou a batalha de flôres.

Entre os trens particulares e equipagens de luxo, conduzindo senhoras da nossa primeira sociedade, era deveras digno de nota o *mylord* dos srs. condes de Valenças, adornado de magnificas colchas de seda, tirado por uma parelha de bellos allasãos, trazendo na boleia dois criados de farda.

Tinham tambem bonitas ornamentações os carros dos srs. conde de Pinhel, John Alves, Salomão Cardoso, José Bergaro, Luiz Sommer, Frederico Navarro Hogan, Salgado Zenha, José Reis, Brito Chaves, Antonio Fernandes, Pinto de Araujo, David, Eduardo Martins, Eduardo Jorge, e muitos outros allusivos aos estabelecimentos ou industrias que representavam.

Na Avenida estiveram tambem Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, Suas Altezas o Principe Real e o Infante D. Manuel e o Infante D. Affonso.

* * *

Não devemos deixar de registrar como festas que verdadeiramente mereceram ser notadas, as *matinées* infantis dadas nos palacios dos srs. duques de Palmella e marquezes de Castello Melhor, as *soirées* do Real Gymnasio Club e da legação allemã, e a que mereceu tambem os applausos unanimes, a festa dos estudantes da Escola Medica.

* * *

ASSOCIAÇÃO DA IMPRENSA PORTUGUEZA

São já importantes os serviços que esta Associação tem prestado nos limites da sua influencia e prestigio, e acaba agora de nos dar uma prova irrefutavel do que vale pela forma como conseguiu operar o movimento reformador, que todos applaudiram.

Associação de classe e d'uma classe importante, no maior numero pouco remunerada, tem as suas direcções mantido nos estatutos d'esta collectividade disposições tendentes a soccorrer os seus associados na doença, na prisão e no desemprego, estabelecendo alem d'isso pensões ás familias a quem a perda dos seus chefes deixava a braços com a miseria.

Defendendo a Imprensa de que ella é digna representante, deixa no rasto luminoso da sua passagem trabalhos que verdadeiramente a honram e que são um protesto vehemente e ao mesmo tempo um brado de justiça contra as perseguições de que o jornalismo tem sido victima.

ABEL BOTELHO

E' o presidente da assembléa geral. Um escriptor notavel e um official distincto, e incontestavelmente uma das nossas glorias litterarias e dos nomes mais prestigiosos no jornalismo.

Com grandes qualidades de trabalhador e de disciplinador, a sua gerencia tem sido proveitosa para a Associação, á frente da qual o seu nome é uma recommendação valiosa a impol-a á consideração dos poderes publicos e a evidencial-a no estrangeiro, onde o illustre publicista é honrosamente conhecido pelos seus trabalhos.

FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI

Par do reino illustre e dos mais antigos publicistas em assumptos da sua especialidade, occupa a presidencia da direcção na Associação de Imprensa á qual tem dedicado as suas bellas aptidões e talentos, consagrando-lhe as horas que lhe deixam livres as suas missões officiaes.

O antigo provedor da Real Casa Pia de Lisboa é um agricultor distincto e diplomado com o curso de agronomo pelo instituto agricola, e são muitos os serviços que o paiz lhe deve, já como defensor e propugnador dos interesses agricolas, já como propugnador e defensor da educação popular.

MEIRA E SOUSA

É a encarnação do genio do trabalho e a alma e a acção da Associação de Imprensa. 1.º secretario da direcção, dedica-se de corpo e alma aos assumptos que a podem engrandecer, e pode-se bem affirmar que de todo esse trabalho colossal que as festas carnavalescas trouxeram á Associação de Imprensa, foi a elle que maior quinhão coube e dos que mais contrariedades desfez para ella sair victoriosa do seu civilisador intento.

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA

Sentimos não poder dar as photographias do importante brinde offerecido por esta associação e do retrato do seu illustre e prestigioso presidente.

Todos os nossos esforços para esse fim foram infructiferos, por não se haver photographado a taça de prata que constituiu o brinde offerecido por esta Associação, nem termos obtido o retrato do sr. Simões d'Almeida, a quem desejavamos prestar as homenagens que merecem o seu elevado talento. Da importancia que esta Associação tem no nosso meio commercial, especialmente dos seus serviços dispensados ao alto commercio, fallam as suas antigas tradições a que vem ligado o nome do sr. Simões d'Almeida, que, com a sua excepcional actividade, imprimiu a esta Associação uma phase nova a que deve a preponderancia e força que tem hoje.

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LOJISTAS DE LISBOA

Até 1870, o commercio de retalho era uma entidade menospresada pelos poderes do Estado e uma victima do municipio, que o vexava a miude com uma multiplicidade de licenças, principalmente as mercearias, o que punha o commerciante na constante dependencia do varejo.

Surgiu d'ahi a natural reacção contra essas e similhantes prepotencias, reconhecendo-se a necessidade de crear uma associação que, legitimamente, defendesse os lojistas da capital.

E, assim, fundou-se n'aquelle anno a Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, associação que tem vindo sempre pugnando pelos interesses do commercio de miudo, sendo muitissimo importantes os serviços que tem prestado aos seus aggremiados.

O commercio, na sua maioria, não chegou ainda a comprehender todo o alcance da força que lhe adviria da sua união, inscrevendo-se em massa n'essa utilissima associação de classe. Entretanto, é já grande o numero de socios que se acham abrigados sob a sua bandeira sendo tambem muitos e proveitosos os fructos que elles teem colhido.

Associação prestante e de intuitos abertamente liberaes, ella tem cooperado em numerosos actos de absoluto altruismo, dando agora mais uma prova do seu concurso no offerecimento, por intermedio da illustre Associação da Imprensa Portugueza, dos valiosos brindes para premios aos melhores carros ornamentados allusivos ao Commercio e á Industria, exhibidos no carnaval d'este anno.

Damos em seguida as gravuras dos objectos artisticos que constituiram esses premios e bem assim os retratos dos dois benemeritos presidentes, como testemunho da muita consideração que nos merecem pelos incontestaveis serviços prestados ao commercio de Lisboa.

JOSÉ PINHEIRO DE MELLO

E' presidente da Mesa da assembléia geral da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, desde 1884, e de crer é que continue a sel-o durante a sua vida, reconhecida como está a indispensabilidade dos seus relevantes serviços. E' que de tal modo se acha vinculado o seu nome áquella collectividade, que falarmos na Associação dos Lojistas explicitamente é lembrarmo-nos de José Pinheiro de Mello. Não admira. Viu-a nascer, progredir, engrandecer-se; acompanhou-a dia a dia na sua existencia de serenidade e de luctas com um amor e uma dedicação verdadeiramente paternaes.

Não receamos affirmar que José Pinheiro de Mello é na actualidade o vulto mais proeminente do nosso meio associativo. Dotado de excepcionaes faculdades de illustração e de caracter e ainda pela independencia de que dispõe, tem-se distinguido n'esse meio, quer trabalhando com manifesto desinteresse, quer guiando, impulsionando os seus consocios, ensinando-lhes qual a prodigiosa força que se chama Associação.

E' essa alliança de estimulos que tem sido a grande alma não só da Associação dos Lojistas, como tambem do Gremio Popular, do Asylo de S. João e de muitas outras collectividades onde Pinheiro de Mello deixa ficar perpetuada a sua individualidade.

DOMINGOS LUIZ COELHO DA SILVA

Desempenha ha onze annos o lugar de presidente da direcção da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, onde tem accentuado proficuamente o seu valor intellectual, e a sua bella orientação administrativa.

Conhecedor, como poucos, dos segredos da contabilidade, foi sob a sua direcção organisado todo o trabalho de escripta, tornando-se hoje extremamente facil qualquer exame ás contas da associação que elle dirige com a maior proficiencia.

Detendo reflectida analyse no estudo de qualquer assumpto, o seu conselho pode seguir-se confiadamente, tal é o criterio e raciocinio a que obedece a sua opinião auctorisada.

Despertencioso no trato e de austera seriedade no seu procedimento, o seu nome tornou-se respeitado no commercio, de que é digno ornamento, e querido nas associações onde é um elemento valiosissimo.

É longa a lista de serviços prestados por Coelho da Silva á democracia e ás collectividades; mas, se não tivera, como tem, muitos actos a recommendal-o, bastaria para isso a reorganisação do monte-pio Pelicano, que lhe deve em grande parte o seu resurgimento e o seu estado prospero.

Fica-nos muito para dizer d'este conceituado negociante; porém, o espaço de que dispomos é apenas para breves notas e não para biographias.

M. A.

GERMANIA

A nova opera do Barão Franchetti

A apparição da opera nova, da *opera d'obligo* como se diz em technologia lyrica, constitue o ponto culminante da temporada de S. Carlos. D'esta vez coube a sorte á *Germania*, a ultima producção de Alberto Franchetti, um dos compositores que mais se teem evidenciado n'este periodo de evolução pouco orientada da musica moderna.

Oriundo d'uma das mais abastadas familias da Italia, Franchetti nasceu em Turim a 18 de setembro de 1860, e bem cedo começou os seus estudos musicaes em que desde logo revelou notaveis aptidões.

Tendo adquirido em Veneza uma apreciavel somma de conhecimentos da arte a que se dedicara, resolveu ir á Allemanha terminar os seus estudos, obtendo em 1889 o diploma de capacidade no Conservatorio de Dresden.

Da seriedade com que o joven compositor seguiu esses estudos é testemunho a excellente factura que já se nota no *Asrael*, a sua primeira opera, na qual realça o seu talento de orchestrador emerito e uma certa originalidade na exposição dos pensamentos musicaes e sobretudo no seu desenvolvimento.

Após o brilhante exito do seu primeiro *spartitto*, Franchetti não deixou de apresentar successivos trabalhos, em que se fôram pouco a pouco accentuando as suas incontestaveis faculdades de operista.

Assim, ao *Asrael* succederam-se *Cristoforo Colombo (1882), Fior d'Alpe (1894), Il signor de Pourceaugnac* (1894) e por ultimo a *Germania* que foi cantada pela 1.ª vez no theatro da Scala de Milão a 11 de março de 1902.

Não vamos fazer um desenvolvido estudo da partitura do maestro Franchetti; limitamos este nosso trabalho a um golpe de vista muito geral sobre o valor incontestavel da obra, e sobre o logar que lhe compete entre as ultimas producções da hodierna escola italiana.

Não se pode negar que de toda a pleiade dos novos compositores é Franchetti não só o mais italiano, mas tambem aquelle que revela maior seriedade e maior somma de conhecimentos. Pode, muitas vezes a idéa melodica não se impôr, por falta de originalidade, ou a situação não sahir nitida por ausencia do poder suggestivo que a faça realçar, mas nunca o compositor deixa de se mostrar habil em supprir esssas deficiencias com o *sviluppo* bem cuidado da phrase, ou com a maneira sempre muito distincta de tratar a orchestra.

E' o prologo, a parte que mais se impõe no decorrer da *Germania*. E é tambem essa, a nosso vêr, a pagina mais feliz da partitura. O ambiente fica bem definido com a apresentação das principaes personagens e com a propositada adaptação de varios cantos populares da epoca e do local.

E' d'este quadro que tambem dimanam os motivos conductores que, segundo a moderna

O Carnaval de Lisboa em 1903

O REI CARNAVAL NO SEU THRONO

PAVILHÃO DO JURY DOS PREMIOS

pratica, devem sublinhar as personagens e as situações.

Alguns d'estes motivos são de feliz concepção, e sobretudo o *thema napoleonico*, phrase larga e de grande expressão, apparece frequentemente durante toda a opera, dando-lhe um cunho muito caracteristico e attesta do a sciencia e o estudo do maestro.

Nos restantes quadros da *Germania* notam-se melodias de largo contorno, symetricamente dispostas e claras na forma, o que leva a crer que Franchetti teve em vista o retrocesso a antigas formulas da musica italiana, sem que tal proposito o fizesse descambar em banalidades hoje inadmissiveis.

Outra pagina deveras notavel pela sua magnifica factura orchestral é o *intermezzo* que precede o epilogo; a poderosa technica de Franchetti

A BATALHA DE FLÔRES NA AVENIDA DA LIBERDADE

O Carnaval de Lisboa em 1903

Premio da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa conferido ao sr. Anastacio Fernandes

Premio da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, conferido ao sr. Antonio Costa

Premio da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, conferido ao sr. Antonio Costa

manifesta-se ali, pela efficacia com que se congregam os diversos timbres e pela arte com que se define a situação scenica.

Entre os interpretes da *Germania* merece o primeiro logar o maestro Campanini que ensaiou a opera com esmero e profundo conhecimento da partitura.

As personagens do drama lyrico, confiadas ás sr.as Amelia Pinto, Torreta, Pollini e Camporelli e aos srs. Giraud, Stracciari, Mansuetto e Baldassare, obtiveram optimo desempenho, factos que muito contribuiram para o franco agrado que no nosso theatro lyrico, despertou a ultima partitura de Alberto Franchetti.

J. N.

Litteratura dramatica

A direcção do Atheneu Commercial do Porto, e o bem conceituado jornal *O Dia*, de Lisboa, acabam de abrir concursos entre escriptores dramaticos portuguezes, que deverão apresentar peças em um acto.

Congratulo-me de todo o coração com estas uteis e intelligentes iniciativas, tanto mais que n'ellas vejo realisadas ideias que de ha muito sustento nas palestras sobre tal assumpto com alguns collegas escriptores.

São essas ideas: 1.ª que só um procedimento energico, persistente e pratico dos escriptores, e das sociedades litterarias, conseguirá salvar a nossa litteratura dramatica do anniquilamento a que a condemnam a indifferença dos poderes publicos, e a orientação, que não sabemos como adjectivar, das emprezas dramaticas, que umas vezes nos parece manifestamente insipiente, outras nimiamente preoccupada com os calculos gananciosos, em que, aliaz, muitas vezes erra; 2.ª que o meio pratico e effectivo, de levar essas emprezas a entrarem na regra do bem viver, é

AVANÇADA DA CAVALGADA GAGLIARDI

fazer-lhes competencia, promovendo a exclusiva representação de originaes portuguezes por curiosos dramaticos.

Houve sempre n'este paiz grupos de amadores capazes de levarem á scena as peças de mais responsabilidade. O *Frey Luiz de Souza* foi representado a primeira vez por curiosos no theatro das Laranjeiras. A *Leonor Telles*, ainda ha pouco aqui o disse, não teria sido conhecida e applaudida, se depois de não acceite pela antiga empreza do theatro de *D. Maria*, não fosse levada á scena pelos collegas de Marcellino Mesquita na Escola Medica.

Ainda o anno passado se realisou n'este theatro, uma recita de amadores, em beneficio da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, recita que, artistica e economicamente foi coroada de successo.

Os estudantes com frequencia promovem espectaculos, sempre concorridissimos, e sempre de exito seguro.

Com estes exemplos *praticos*, o caminho está facilmente aberto : é amiudar esses espectaculos, e crear sociedades de amadores unicamente para representarem obras portuguezas ou seja com um fim caritativo, ou para fazerem face com as receitas dos mesmos espectaculos á sustentação da sociedade e custeio das recitas.

Haja uma duzia de escriptores ou jornalistas que divulguem este plano, e iniciem o movimento, haja estudo, trabalho, e somenos ambição de interesses da parte dos que desejam tentar a litteratura dramatica, e seguramente n'um breve periodo a deploravel situação presente terá melhorado consideravelmente.

*
* *

Acaba justamente agora de se dar um facto, que só por si define a desorientação das emprezas dramaticas, em cujas cabeças se enterra até ás orelhas a carapuça que ha n'este principio de *exclusão* do programma do concurso do *Atheneu Commercial do Porto* :

«Não serão admittidas as obras que explorem a facilidade dos negativismos sociaes, tanto em voga no theatro francez, nem os rebuscos de originalidade nos aleijões humanos.»

Ora justamente este theatro francez é a *pépinière* querida e preferida, onde os grandes, intelligentes emprezarios vão todos os annos buscar o fornecimento para a estação, trazendo para edificação e deleite do publico nacional os successos consagrados pelo bom gosto e illustração dos *commis-voyageurs* que infestam Paris, ou as nebulosas peças symbolicas do norte, que o publico applaude, ás vezes, sem lhes perceber a intenção, e de que a propria critica não poude bem apreciar, porque não conhece o meio em que as personagens vivem, os seus costumes, a paysagem em que a acção se dá !

Mas, vamos ao facto indicado :

Acaba de debutar com successo notavel no theatro de *D. Maria* um novo escriptor dramatico. Lá conseguiu que, embora mutilada, lhe representassem uma peça, acolhida pelo publico e pela critica com merecido applauso. Pois muito bem : este mesmo escriptor, cujas assignaladas aptidões para a litteratura dramatica conhecem todos os que teem ouvido lêr as suas producções, fez ha perto de dois annos leitura d'uma peça, intitulada *O sangue azul*, no theatro *D. Amelia*. Disse então a imprensa, e constou no mundo litterario que esta obra tivera um inquestionavel exito na leitura, que valera ao seu auctor calorosos parabens, animações e abraços dos ouvintes, constando pela mesma imprensa que seria representada.

Comtudo, não o foi até hoje.

Beneficiou agora o theatro de *D. Maria* da sua apresentação ao publico. Mas com isto não queremos dizer que para os debutantes, as difficuldades não sejam menores n'este theatro do que o são n'aquelle. O mal é o mesmo pelo que respeita á admissão. Ha unicamente, por ora, uma pequena vantagem a favor da casa de Gil Vicente: é de não ter para os que debutam, mesmo para os applaudidos francamente pelo publico, sem protecção da *claque*, essa especie de sombra funesta da mancenilha, que mata os que a ella se acolhem, como os factos na sua iniludivel verdade mostram no *D. Amelia*, a despeito de contar os primeiros actores portuguezes.

Da organisação e do funccionamento d'estas duas scenas dramaticas da capital ha muito que dizer sob o ponto de vista da consideração que lhes deve merecer o desenvolvimento da litteratura dramatica: uma, por que é propriedade material do Estado, que somos nós todos, e os escriptores tão donos, pelo menos, como os actores que a exploram, por concessão dos dirigentes do mesmo Estado, e por que se chama a *Casa de Gil Vicente*; a outra, o elegante theatro *D. Amelia*, porque acolheu os nossos primeiros artistas ; o que impõe deveres moraes para com a arte em geral, e muito especiaes para com a litteratura portugueza.

Abrir os braços a grandes artistas para os manietar no exercicio da grande e boa arte que faziam, não é admissivel em face dos grandes e elevados principios sem os quaes não ha arte que valha. Bem sei que a vida hoje é excessivamente utilitaria e pratica; que se mira, acima de tudo, e principalmente ao interesse... Mas, ou Cesar ou João Fernandes... A boa arte ainda não sabe ler correntemente pela cartilha moderna. Quem pretende forçal-a n'este caminho, faz o que antigamente se chamava : *malas artes*.

E depois, não é occioso lembrar que muitas vezes o interesse *immediato* prejudica o interesse *mediato*. Um exemplo para confirmar esta regra :

Depois da exhibição d'essas estrellas fulgurantes das scenas estrangeiras, d'essas notabilidades europêas, masculinas e femininas, que inquestionavelmente sabem mais, e dispõem de melhores meios e maiores recursos do que os nossos primeiros artistas, o publico, quando novamente volta a contemplar os seus trabalhos, acha-se sempre confrangido e nota differenças, que se traduzem em desinteresse e portanto em afastamento.

Sem declarar guerra a tudo que é estrangeiro, como bizonhos inimigos do progresso e da civilisação, parece me que a boa sabedoria das nações, manda contentar *principalmente com a prata da casa*. Ha um proloquio popular que traduz este principio : «*Fui a casa da minha visinha envergonhei-me; vim para a minha remediei-me.*»

Não seria muito mais lisongeiro para a arte nacional, crearmos, quanto possivel, actores e escriptores dramaticos portuguezes ?

Os concursos agora abertos tem um outro elevado ponto de vista de que ainda tratarei.

A. L. d'A.

Programma do concurso apresentado pelo «Atheneu Commercial do Porto»

Renovação do Theatro Portuguez

Reconhece-se em toda a Europa e em todas as Litteraturas modernas, que o Theatro está atrazado e esgotado nos seus recursos; mas ninguem ainda presentiu o modo d'essa renovação reclamada. As fórmas lyricas e narrativas têm-se transformado pelo impulso de genios creadores: as fórmas dramaticas pelo contrario têm degenerado ao ponto de fazer-se da scena uma exhibição de pathologia social.

Para a renovação do Theatro é necessario deduzir do seu percurso a linha para onde elle se ha de dirigir: a mais alta expressão dramatica foi attingida por Molière mas não se elevou fóra do *espirito negativo*. A phase nova do Theatro visará ao intuito constructivo, tendo de nos apresentar os *altos caracteres* como *typos de imitação*.

N'esta ordem de ideias, o Atheneu Commercial do Porto querendo prestar um alto serviço á Litteratura portugueza institue um premio unico de **100$000 réis** ao escriptor que apresente um acto dando expressão artistica á qualquer d'estas simples theses:

«Conformar os nossos actos com os nossos principios».

«Harmonisar os nossos sentimentos com os nossos pensamentos».

«Egualar as nossas aspirações com o poder da nossa vontade».

A peça deverá ser inédita, d'actualidade sem imitações de Theatro estrangeiro, buscando exclusivamente nos nossos costumes exemplos nobres a seguir.

Não serão admittidas as obras que explorem a facilidade dos negativismos sociaes tanto em voga no theatro francez, nem os rebuscos de originalidade nos aleijões humanos.

Entrevêr o fim constructivo será entrevêr a renovação do Theatro Portuguez.

Eis o nosso fim que, a realisar-se, erguerá para sempre o artista cuja forte organisação philosophica saiba impôr a nova e unica orientação.

Bases do Concurso

Julgará do merito das obras o Conselho de Arte Dramatica ou um Jury expressamente formado entre escriptores portuguezes de comprovado talento.

As copias dos originaes (escriptas por copistas), deverão ser dirigidas á Secretaria do Atheneu impreterivelmente até 31 de Março do corrente anno, devidamente lacradas e com a rubrica exterior-Concurso Litterario. Nenhum manuscripto poderá conter nome ou rubrica que indique o seu auctor, sendo portanto anonymos e tão só sujeitos a uma divisa: em envellope junto, egualmente lacrado o nome do auctor e a mencionada divisa escripta e assignada por elle. Esses envellopes serão conservados intactos, guardados no cofre da Sociedade até á decisão do Jury, sendo apenas aberto o envellope cuja legenda corresponda á da peça premiada

Todas as outras ficarão á disposição de seus auctores, guardando o Atheneu absoluto segredo sobre a propriedade d'ellas como provará entregando, sob reclamação dos interessados os respectivos originaes e os envellopes perfeitamente intactos.

A peça escolhida será representada no Salão Nobre por amadores distinctissimos com cuja acquiescencia desde já se conta, ficando pertencendo o manuscripto á bibliotheca do Atheneu sem que por este motivo o auctor deixe de reservar para si todos os direitos de publicação e representação que de direito lhe pertencem.

O Atheneu no intuito de evitar qualquer falta involuntaria convida pela imprensa todos os escriptores portuguezes.

Programma do concurso apresentado pel'O DIA

Tres premios — uma recita especial — A favor dos pobres.

O Dia, no desempenho da missão que se impoz, de promover o gosto do publico por todas as manifestações d'arte genuinamente portugueza, e por todos os progressos do espirito scientifico do paiz, abre uma serie de concursos para obras de litteratura, d'arte applicada, e para monographias de sciencias.

Começará a série de concursos pelo de litteratura dramatica, cujo programma é o seguinte :

Condições do concurso

1.ª — Só serão admittidas ao concurso, peças n'um acto, originaes em prosa ou verso, escriptas por auctores que ainda não tenham tido nenhuma peça representada.

2.ª — As peças devem ser de actualidade, mas com liberdade plena de assumpto.

3.ª — Deverão ser apresentadas até ao dia 5 de março, sem designação do nome de auctor, marcadas com uma legenda. Em envellope fechado, o auctor enviará junto á sua peça, uma folha de papel contendo o seu nome, morada e a legenda adoptada.

4.ª — O jury tendo procedido á leitura das peças recebidas, as qualificará em merito absoluto ; e depois d'entre as que o tiverem, escolherá as tres que julgar superiores.

§ unico — A classificação final será feita e publicada até ao dia 20 de março, e os tres originaes escolhidos serão representados n'um dos primeiros theatros de Lisboa, em recita especial, e os seus auctores receberão em premio, tres valiosos objectos d'arte.

5.ª — As peças não approvadas em merito relativo serão restituidas aos auctores, mas tendo sido approvadas em merito absoluto, *O Dia* publicará nos seus numeros especiaes das segundas feiras uma scena de cada uma d'essas peças, que os seus auctores indiquem.

6.ª — As peças representadas ficam sendo propriedade dos seus auctores para todos os effeitos, menos o de receberem, no primeiro dia, os respectivos direitos de auctor, que entrarão na massa da receita liquida da recita, destinada aos pobres.

7.ª — O jury será composto pelos srs. :
Henrique Lopes de Mendonça.
D. João da Camara.
Dr. Joaquim Coelho de Carvalho.
Adrião de Seixas (Samuel Om).
Raul Brandão.

A este concurso seguir-se hão outros relativos a sciencias, bellas-lettras e artes decorativas.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

A Maria coxinha lamuriava e carpia, e um bello dia, saiu-se a dizer que ia levar dois gansos á cidade e mandá los assar, para o amo que, lá na

cadeia, provavelmente, encontrará muito mau passadio. E a boa da governante, de espantada, espipava os olhos;—este marmanjo, dizia, em abrindo a bôca sáe-se com cada uma! —Imaginas talvez, que pregam com sua senhoria em alguma enxovia, como fizeram áquelle cigano, ao Marczi, e que o põem a pão e agua? Vive lá tão bem como se estivesse em sua casa. É assim mesmo, e põete a andar, meu pato ganso, e vê se vaes tratar das galinhas, que é para o que tens geito.

Não dava menos que falar na aldeia a peripécia. Mais de um morador foi citado a comparecer na cidade para investigações. Concorriam todos com uma cara de palmo e ares de circumstancia, e deixavam-se ficar de conserva em frente da casa consistorial, onde as más linguas da aldeia procediam, a seu modo, ao inquérito, e com resultado muito mais efficaz do que o consiguiria o commissario de districto. Afirmava um que o jardineiro procedera com muito maior cordura, e que outro tanto se não podia dizer de sua senhoria, que maltratára de palavras, não só o commissario, mas ainda o tenente dos gendarmes e o proprio juiz e que não podiam deixar de condemná-lo a carcere perpetuo. Outro, como testemunha ocular, narrava que os criados tinham apanhado cada um vinte e cinco dias de cadeia, mas que não passariam mais trabalhos. Opinava mais de um, com tristêza, que pretendiam reduzir os colonos ás antigas condições mas que, no entanto,—e adduziam-n'o a titulo de consolação—sua senhoria não deixaria de lhe soffrer as consequencias, visto como não tinha licença de porte-de-armas, e conservava um sabre, ás escondidas, havendo, ainda por cima, perturbado a ordem publica, perpetrando um acto de violencia.

—E o caso é que os autos até já carregavam um carro—afirmavam varios—e o negocio ainda havia de custar ao fidalgo uma boa parte da sua riqueza.—E mais de um, incredulo, meneava a cabeça, ao ouvir a noticia de que Radnothy, qualquer dia, voltaria muito socegado para sua casa, e opinava que era apenas palanfrorio.

E todavia, veio a sair verdadeira a noticia. Volvidas meia duzia de semanas de carcere, Radnothy foi solto, sob palavra, e regressou á Mansão com os seus criados. N'este entrementes, comtudo, ia correndo o processo.

Que elle, rigorosamente falando, não tinha ás costas um processo, mas sim varios. A questão do terreno infeudado foi separada das demais, e entregue a uma commissão agraria nomeada para esse fim. A aggressão com derramamento de sangue de que fôra victima o jardineiro déra áso a um processo criminal, e estava seguindo o inquerito. Com respeito á detenção não auctorizada de armas, circumstancia que muito veiu a complicar as syndicancias, e se não decidia facilmente, era a gendarmaria que lhe intentava o processo.

Insistiu em querer responder sósinho aos tres processos, e n'essa conformidade, não quiz tomar advogado,—Heide provar-lhes que tem que haver-se com um homem conhecendo a fundo as leis, com um vice-palatino, dizia ao mordomo, ao descer da carruagem—não me dão volta assim com duas razões, heide levar o proceso á propria côrte de Vienna, e sustentá-lo ei, ainda que me custe toda a minha riqueza; julgam, talvez, que me hão de tratar como se trata a qualquer aventureiro, a qualquer labrosta, a qualquer farçante de arribação!

Não descançarei, quer de dia quer de noite, emquanto não houver tirádo o caso a limpo, esclarecido tudo, e ensinado a esta cambada que casta de homem é um nobre transylvano.

E poz mão á obra com apaixonada actividade. N'este meio tempo não saia do seu quarto, sempre a escrever.

De vez em quando, vinha ter com elle o mordomo, a receber ordens respectivas á administração dos bens, e a resposta era:

—«Vá para o diabo e mais a ceifa e as colheitas, o que importa é o eu rehaver a posse dos meus terrenos vinculados, e o fazerem-me justiça dos insultos de que fui victima.»

E tomando calor, repetia tudo que escrevêra e quanto tencionava ainda escrever, e de como havia de escarmentar aquella sucia de rábulas que a todo o instante lhe faziam subir a mostarda ao nariz.

Quando o Estêvam lhe trazia do correio alguma carta do filho, que se achava já restabelecido de todo, ou da cunhada e da Izabel, as quaes lhe escreveram, a communicar-lhe o dia em que contavam chegar á Transylvania, percorria-as de relance e exclamava:

—«Mal sabem estes meus filhos os trabalhos que me estão custando!»—e voltava outravez a escrevinhar.

Quando se apresentava qualquer visita, esquivava-se-lhe a breve espaço, e recolhia-se ao seu quarto, alegando ter immenso que fazer, pois trazia uns processos importantes, aos quaes dirigia em pessoa, por não lhe merecerem confiança estes advogados novos. A torva melancolia e a magua reconcentrada alternavam no seu viver quotidiano com as suas eternas expansões de ira. Passeava cá e lá pelo quarto, batia palmadas nos vetustos calhamaços de jurisprudencia, falava sósinho, e voltava a sentar-se a escrever. Desabafava no papel a sua colera, e depois de sellar as cartas, de as endereçar e remeter para o correio, exclamava, radiante de orgulhosa satisfação: Sempre quero vêr o que dirão a isto!

D'ali a uns dias, voltou a receber toda a correspondencia, devolvida com as observações seguintes traçadas no sobrescrito:—que não torn asse a atrever-se a dirigir missivas tão illegaes quer ao tribunal agrario, quer a gendarmaria; que devia escrever em papel sellado, e em termos forenses, conforme o preceituavam as novas leis.

—Quais novas leis nem qual demonio! Não se me dava de saber em que côrtes foram votadas, em que «*Marchalis*» obtiveram promulgação! bradava, assentando punhados no maço devolvido. Mas como o maço lhe não podia responder, respondeu elle a si mesmo, e entretanto, não deixou de protestar contra este nôvo aggrávo. Após de que, enfronhou-se na leitura dos escritos recambiados, e de cada vez que percorria um dos seus trechos prediléctos, exclamava:

—Está bem escrito! Mas o caso é outro,... têem medo de mim! Imaginam que me podem meter os dedos pelos olhos, lá porque não sei escrever na sua giria! Que a coisa não fica assim! Vou ter com aquelle padre saxonio meu visinho, para que me traduza tudo isto, até á ultima syllaba; e ainda por cima, vou refundir tudo da capo, e hão de ouvir o bom e o bonito!»

E tornou a sentar-se a escrever, recopilando desde o principio a exposição da sua defesa.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXXVII

Muitas vezes succede, nos paizes quentes, que a gelatina das chapas photographicas se desloca d'estas, o que faz desesperar os amadores d'esta arte. E' egualmente vulgar a formação de ampoulas, no momento da revelação das chapas.

Para obstar este inconveniente, foi aconselhado o alumen e o formol durante a fixagem, porém estes productos não podiam ser empregados quando a chapa fosse a revelar.

O sr. Haubriner de Munich experimentou um methodo que lhe deu optimos resultados. Consiste em juntar alcool ao revelador.

Eis a formula:

Agua	100 gr.
Hypposulphito de soda	5 »
Amidol	0,5 »
Alcool	100 »

O alcool deve juntar-se sómente, depois da dissolução completa do hypposulphito e do amidol na agua.

Por meio d'este banho, evita-se a descollagem, mesmo até á temperatura de 46°.

NECROLOGIA

O COMMENDADOR JOSÉ MENDES LIMA

Succumbiu no dia 1 do corrente a um epithilioma, o sr. commendador José Mendes Lima, que, durante alguns annos, exerceu o logar de professor do Lyceu de Lisboa, leccionando ali differentes disciplinas com a maior proficiencia e zelo.

Era natural de Ancião, onde nascera a 6 de outubro de 1851, contando ao presente, pouco mais de 51 annos de idade. Concluira a sua formatura em theologia em 1874, e, sendo nomeado por portaria de 1 de dezembro de 1875 professor das aulas ecclesiasticas do seminario de Beja e em 10 de novembro de 1877 professor do Lyceu d'aquella cidade, accumulando o cargo de parocho da freguezia de S. Thiago, ali se conservou durante vinte annos, sabendo elevar-se na consideração e estima publica, desempenhando-se com a maior correcção dos logares de mais importancia em differentes instituições d'aquella cidade, sendo afinal nomeado conego honorario da diocese por decreto de 7 de julho de 1893.

Foi em outubro de 1899 que veiu transferido para o Lyceu de Lisboa, onde tão subidas provas deu das suas aptidões para o magisterio, conquistando a sympathia geral de todos, com quem convivia e tornando-se verdadeiramente estimado pela nobreza do seu caracter e tracto affavel que dispensava quer na vida intima, quer na sua missão official.

Fôra um distincto orador sagrado.

Pelos seus meritos e talentos foi-lhe concedida a commenda de Christo por decreto de 15 de junho de 1893, e o officialato de S. Thiago por decreto de 6 de junho de 1895, tendo sido eleito deputado ás côrtes em mais d'uma legislatura.

Collaborou em differentes jornaes, sendo fundador e proprietario da *Folha de Beja*

Era commissario da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, que lhe prestou as honras funebres, segundo o rito franciscano, e conforme com a sua ultima vontade.

Sobre o feretro e entre as corôas depostas pela familia viam-se tambem as dos professores e alumnos do Lyceu, como manifestação de homenagem e do apreço em que todos tinham o finado.

Reecebemos e agradecemos:

Portugal *Diccionario historico, biographico, bibliographico, heraldico, chorographico, numismatico e artistico* o RECREIO, *empreza editora e typographica. Lisboa—1903*—Está publicado o fasciculo n.º 12, comprehendendo as palavras *Aldêa* a *Alfandega*.

A Arte musical—Sairam os n.ºs 95 a 98 correspondentes aos mezes de novembro e janeiro d'esta revista quinzenal, de que é proprietario e director o sr. Michel Angelo Lambertini e redactor o sr. Ernesto Vieira.

Estes numeros trazem, como sempre, artigos sobre os acontecimentos mais em evidencia no mundo musical afirmados pelos srs. J. R.; Moreira de Sá; Ernesto Maia; Affonso Vargas; Alfredo Pinto Sacavem; V. F. B; Esteves Lisboa e Joaquim F. Ferreira da Silva, mostrando assim que o seu programma continua a ser rigorosamente mantido pela proficiente e sabia direcção.

Broteria—*Revista de Sciencias Naturaes do collegio de S. Fiel—Volume 1.º—1902—Lisboa—1902.*

Apresentando esta *Revista* dizem os seus redactores:

«A esperança de podermos concorrer de algum modo para o progresso das sciencias naturaes em Portugal é que nos anima á publicação da presente *Revista*. Bem sabemos que não passará d'um grãosinho no celleiro immenso dos conhecimentos scientificos, mas primeiramente, quem dá o que tem, não dá pouco; e depois talvez os nossos humildes trabalhos tenham a fortuna de incitar outros engenhos da nossa terra a dedicarem-se a um ramo do saber humano tão interessante e tão vasto.

. . . .

«Sendo nosso intento n'esta *Revista* attender a tudo quanto possa contribuir para o adeantamento das sciencias naturaes não nos limitaremos ao estudo systematico da fauna e flora, mas procuraremos, quanto couber em nossas forças, tocar outros ramos de maior alcance na historia natural, como são a anatomia e a histologia tanto animaes como vegetaes. Poucos como somos e tão occupados no ensino da juventude, não poderemos dar nunca a estes estudos a extensão que desejavamos. Esperamos, porém, que os nossos leitores reconhecerão as numerosas difficuldades com que luctamos, difficuldades que fizeram com que nenhum estabelecimento de ensino secundario em Portugal, que nos conste, tenha até agora publicado revista alguma scientifica.

Nos periodos que deixamos transcriptos está o melhor louvor que possamos render á nova revista. O presente volume abre com uma magnifica photogravura da estatua de Brotero no Jardim Botanico de Coimbra.

No texto destacam se a biographia de Brotero,

BARÃO FRANCHETTI

AUCTOR DA OPERA «GERMANIA»

o artigo *As Zoocecidias Portuguezas*, e outros do sr. J. S. Tavares; *Fungos da região setubalense* C. Torrend, *Lepidopteros de S. Fiel* de C. Mendes d'Azevedo, etc.

L'ombra di Carlo Alberto in campidoglio, *por Soloni Ambrosoli, dal portoghese di José Ramos Coelho — Milano 1902.* E' um trecho d'um poemeto publicado no anno de 1862, por occasião do casamento do El-Rei D. Luiz I, com a Rainha Sr.ª D. Maria Pia de Saboya, de que é auctor o illustre e erudito poeta e escriptor sr. Ramos Coelho.

Esta traducção que sobremaneira distingue o valor que no estrangeiro teem os trabalhos do sr. Ramos Coelho, foi publicada em 14 de março de 1900, no numero unico *Carlo Alberto*, por occasião da inauguração do seu monumento em Roma, sendo agora reeditado quarenta annos depois, em commemoração d'um enlace que foi um vinculo de affecto entre duas nações latinas.

Visitas de D. João V á Inquisição d'Evora, *de Ramos Coelho, Lisboa, 1902.*

Trata-se d'um bello estudo historico editado pela Empresa d'OCCIDENTE, em que o distincto academico nos familiarisa com um assumpto por muitos ignorado.

N'um elegante folheto de 22 paginas relata-nos o auctor os curiosos pormenores d'essa visita regia a uma das succursaes d'esse tribunal terrivel, publicando o curioso documento encontrado nos manuscriptos do Archivo Nacional, entre os da Mesa Censoria sob o seguinte titulo:

Relação que o Emm.º sr. cardeal da Cunha, Inquisidor-Geral, mandou fazer a esta Mesa, do que El-rei nosso senhor passou n'ella nas occasiões que a ella veiu disfarçado.

O acto realisou-se por occasião da estada em Evora de El-rei D. João V e da sua côrte no anno de 1729, quando se dirigiam a Caia, para a recepção da infanta D. Marianna Victoria, depois esposa de El-rei D. José I.

Lambertini. Catalogo do grande armazem de pianos do sr. Lambertini, na Praça dos Restauradores, n.ºs 43 a 49, Lisboa.

Este catalogo é profusamente illustrado com retratos de maestros notaveis, e uma pagina a côres e dourado representando varias commendas das ordens portuguezas e estrangeiras.

COMMENDADOR JOSE' MENDES LIMA

FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE